

CORAÇÃO SACERDOTAL

Coleção VIDA PRESBITERAL

- *Reflexões sobre o sacerdócio: carta a um jovem padre*,
cardeal Francis Arinze
- *Presbíteros: Palavra e Liturgia*, Enzo Bianchi
- *Formação permanente: acreditamos realmente?*, Amedeo Cencini
- *O desgaste na vida sacerdotal: prevenir e superar a síndrome de burnout*,
Helena López de Mézerville
- *Nunca pare de sonhar: o presbítero que ama Jesus e sua Igreja*,
Jésus Benedito dos Santos
- *Espiritualidade do padre diocesano*, Humberto Robson de Carvalho
e Fernando Lorenz
- *Ser sacerdote*, dom Edson Oriolo
- *Papa Francisco aos sacerdotes*, papa Francisco
- *Diocesaneidade, esponsalidade e incardinação*, VV.AA.
- *Coração sacerdotal*, dom João Bosco Óliver de Faria

DOM JOÃO BOSCO ÓLIVER DE FARIA

CORACÃO SACERDOTAL



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção Editorial
Sílvio Ribas

Coordenação de arte
Daniilo Alves Lima

Coordenação de revisão
Tiago José Risi Leme

Preparação do original
Cicera Gabriela Sousa Martins

Imagem da capa
iStock

Capa e diagramação
Karine Pereira dos Santos

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Faria, João Óliver de
Coração sacerdotal / João Bosco Óliver de Faria. – São Paulo: Paulus, 2022. Coleção
Vida presbiteral.

ISBN 978-65-5562-472-4

1. Sacerdócio 2. Igreja católica - Clero I. Título II. Série

22-0847

CDD 253
CDU 232.32

Índice para catálogo sistemático:

1. Sacerdócio



Seja um leitor preferencial PAULUS.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-472-4

*Dedico este livro a seis sacerdotes
que foram e são referência
na minha vida:*

Padre José Vieira de Vasconcelos, SDB, + (meu primeiro reitor).

Padre Luiz Porto de Menezes, SDB, +

Padre Bartolomeu Polli, SDB, +

Padre Paulo Gamerschlag, SDB, +

Padre Daniel Bissoli, SDB, +

Padre Wolfgang Gruen, SDB

Agradecimento

Aos sacerdotes e aos dois casais que me ajudaram com sugestões de tema e correções, e à Prof.^a Dr.^a Sueli Coelho, pela revisão linguística.

SUMÁRIO

11	1. Introdução
15	2. Deus amor
33	3. O celibato
45	4. A amizade
53	5. Os desafios para um jovem padre
65	6. O Maligno e o sacerdote
89	7. A resposta ao Maligno
95	8. O amor à Igreja
105	9. As mãos sacerdotais
111	10. As alegrias de um sacerdote
125	11. Colunas de sustentação da ação pastoral
129	12. A bondade
135	13. A graça da perseverança na vocação
145	14. O sacerdote, homem da esperança

1. INTRODUÇÃO

O sentimento de tristeza pela perda de um sacerdote que deixou o ministério levou-me a refletir sobre o mistério da vocação sacerdotal, com seus desafios e suas maravilhas. Comecei escrevendo um artigo. A reflexão foi lentamente se expandindo, exigindo novos questionamentos e, conseqüentemente, novos capítulos. Agreguei, depois, alguns escritos anteriores, cartas pastorais escritas aos fiéis da arquidiocese de Diamantina, cujos temas confluíam para esta reflexão.

Por diversas vezes, sacerdotes de diferentes dioceses sugeriram-me publicar minhas homilias, feitas nas ordenações sacerdotais. Não tenho o hábito de escrevê-las, mas de apresentá-las espontaneamente, deixando-as fluir do coração, depois de meditadas sobre o lema sacerdotal escolhido pelo que seria ordenado. Ficou, então, difícil recolhê-las, quando gravadas nas filmagens das ordenações.

Não sei precisar quando me surgiu a ideia de ser padre. Não se falava, ainda, a palavra “vocação”, ou “pastoral vocacional”. Pensei em ser padre antes de eu receber a Primeira Eucaristia, o que aconteceu aos seis anos e nove meses de idade, em 6 de agosto de 1946. Algum tempo depois, comecei a ajudar nas santas missas na Capela de Nossa Senhora das Dores, da Santa Casa de Misericórdia de São João del-Rei, diariamente, às 5h45 da manhã, indo em companhia de minha mãe. Eu era tão pequeno que não alcançava pegar o missal em cima do altar e não aguentava seu peso para transportá-lo de um lado ao outro do altar, como prescrevia o ritual, após a leitura da epístola (primeira leitura). Embora

ainda não soubesse ler, memorizei o *Confiteor*, o Salmo 43(42), rezado no início da missa, e as respostas da missa em latim, com a ajuda paciente de minha irmã, Maria de Lourdes. Não entendia o que falava, nem o povo! Lembro-me de que o senhor José, que me ensinou a ajudar a missa, em vez de dizer *Qui fecit coelum et terram*, dizia: *Confesseterra*. Fui, então, perguntar ao celebrante, Frei Geraldo, se valia dizer: *Confesseterra*! Seria mais fácil! Após a missa, acompanhava o sacerdote que levava a Santa Comunhão aos doentes na Santa Casa e, às vezes, o acompanhava, também, em alguma encomendação de um corpo no necrotério.

Tive um irmão sacerdote, padre Domingos, Lazarista (faleceu aos 73 anos de idade, quando era o ecônomo do Colégio São Vicente, no Rio de Janeiro). Quando fui para o seminário, padre Domingos ainda estava no seminário maior. No seminário, distante de casa, sem poder visitar-nos nem nas férias, ele em nada influenciou minha vocação. Meu pai estudou no Caraça, com os padres Lazaristas. Meu padrinho de crisma seria o padre José Lázaro Neves, Lazarista, reitor do Seminário Maior de Mariana, contemporâneo de meu pai no Caraça, que foi, posteriormente, bispo de Assis, SP, e me crismou, sendo ele o padrinho. Eu era coroinha das Irmãs Vicentinas. Mas não sei por que, não quis ir para os Lazaristas. Já meu irmão menor, o Francisco, ficou no Caraça por uns quatro anos. Eu quis ser salesiano, e nada mudou meu modo de pensar.

A vontade de ir para o seminário era tanta, que, terminada a terceira série do fundamental, consegui convencer meu pai, a professora, a diretora da escola e o reitor do seminário, então padre José Vieira de Vasconcelos, SDB, a me aceitarem. Entrei, feliz da vida, para o Seminário dos Salesianos – aspirantado – aos dez anos de idade e quatro meses! Fiquei com os salesianos até o final do primeiro ano de teologia, quando circunstâncias da época me levaram a passar para o clero diocesano, na arquidiocese de Pouso Alegre, estudando no Seminário Maior de Mariana, MG. Sou muito grato aos salesianos, ao Seminário Maior de Mariana, bem como à arquidiocese de Pouso Alegre.

Relato esses fatos, tentando mostrar que o sacerdócio foi uma autêntica *paixão* em minha vida. Explica Lonergan que “paixão é um amor intenso e criativo, total e totalizante, sem limites nem restrições, condições ou reservas”.¹ Nunca me imaginei fora do sacerdócio nem aceitei atividades que poderiam dele me afastar. No aspirantado dos salesianos, tínhamos um museu de história natural e, nele, uma bela coleção de insetos com mais de três mil exemplares. Era uma coleção com classificação científica. Eu cuidava dos coleópteros e os classificava em famílias, alguns com seus nomes científicos. Tínhamos algumas raridades, como o *Acrocinus longimanus* – popularmente conhecido como arlequim. Fazendo teologia em São Paulo, visitei o Museu do Ipiranga. Tive acesso às partes internas. Visitei o gabinete de entomologia. Fui convidado a participar como pesquisador, a distância, estudando uma determinada família na ordem dos coleópteros. Pensei: vai atrapalhar minha vida de padre; não posso aceitar. Neguei. O sacerdócio foi sempre, e é uma paixão em minha vida.

Mais tarde fui convidado a ser diretor da Faculdade de Informática de Santa Rita do Sapucaí, MG, que estava para ser criada. Eu era o reitor do Seminário Arquidiocesano. A distância era de vinte quilômetros. Nem falei com o arcebispo, neguei. Houve outras propostas, de mais *status* e financeiramente tentadoras. Neguei todas. A paixão é total e totalizante!

Diante da atual secularização que penetra até os ambientes da Igreja, escrevi este livro preocupado com os padres novos, desejando ajudá-los a viver o sacerdócio com alegria, amor e paixão, felizes por serem sacerdotes de Jesus Cristo e sinais vivos de sua presença no mundo moderno. “Só conseguiremos travar a crescente autossecularização da Igreja e a crescente autorrelativização do ministério eclesial se tomarmos consciência da nossa identidade espiritual. É preciso que o sacral se torne visível num mundo secularizado, sendo, por isso, decisivamente importante que nos

¹ LONERGAN, B. “Il método in teologia”, Brescia, 1975, p. 125-130, 257; *Apud*: CENCINI, Amedeo. *Virgindade e celibato hoje*. São Paulo: Paulinas, 2018.

ponhamos a serviço da profundidade e da vitalidade sacramentais da Igreja.”² Para sermos sinais de Jesus no mundo, temos de ser diferentes do mundo, senão perdemos a capacidade de ser sinais. Não me refiro a vestes, mas ao modo de ser e de viver. “Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno” (Jo 17,15). Os desafios e dificuldades surgem em qualquer estilo de vida. Eles existem para serem superados e não podem ser um impasse na concretização do ideal de vida sacerdotal. O “basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente” (2Cor 12,9) tem de ser o farol na mira de quem não se expõe, conscientemente, ao Maligno. Cristo e a Igreja devem ser o centro do amor em nossas vidas.

Um arcebispo amigo disse-me: “A Igreja investe muito na formação de um padre e, depois, nem tanto, para ajudá-lo na sua perseverança. Ela perde muitos padres por falta de cuidado”.

Desejo, com este livro, tentar dar uma resposta à observação objetiva de meu amigo!

Que o manto de Maria, Mãe de Jesus e Mãe dos sacerdotes, nos cubra, para sermos fiéis ao doce chamado de Cristo: “Vem e segue-me!” (Mt 19,21), até o nosso último alento.

Assim seja!³

² AUGUSTIN, George. *Colaboradores da vossa alegria. O ministério sacerdotal hoje*. Petrópolis: Vozes, 2018.

³ Este livro não pretende ser um tratado sistemático da teologia do sacerdócio, razão que explica a citação de poucos documentos oficiais da Igreja.